



Revista
de Psicologia
ISSN 2179-1740

VIVÊNCIAS PSICOLÓGICAS DE HOMENS QUE BUSCAM PROFISSIONAIS DO SEXO. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PSICOLÓGICO-FENOMENOLÓGICO.

*PSYCHOLOGICAL EXPERIENCES OF MEN SEEKING SEX WORKERS. A PROPOSAL OF
PSYCHOLOGICAL-PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS.*

Tommy Akira Goto¹
Ileno Izídio da Costa²
Bruna Alves Schievano³

Resumo

A procura dos homens por profissionais do sexo é ainda um fato significativo em muitos contextos sociais, econômicos e culturais. Assim, entendendo que a prostituição tem seu lugar na história das relações humanas, essa pesquisa teve como objetivo a análise das vivências psicológicas dos homens na busca das profissionais do sexo. Para a pesquisa escolheu-se o método fenomenológico-empírico de A. Giorgi e D. Souza (2010), com alterações propostas por Goto e Feijóo (2016), que consistiu em um primeiro momento, encontrar os significados essenciais vividos na experiências, para em seguida, reconhecer e distinguir as vivências psicológicas que estão na base desses significados. Participaram sete homens maiores de 18 anos, clientes dessas profissionais. As entrevistas foram pautadas em uma pergunta orientadora. Na análise das experiências foi encontrado como significado essencial a satisfação sexual, assim como outros significados mas de ordem particular. Após a delimitação dos significados foi analisado passo-a-passo como esses significados são psicologicamente vividos a partir de suas estruturas e condições psíquicas, recorrendo às descrições psicológico-fenomenológicas de Husserl, Stein e von Hildebrand. Concluiu-se que a experiência psicológica dos homens constitui-se essencialmente como uma vivência corpórea-afetiva, que surge impulsivamente de maneira natural e espontânea, e que se busca manter o predomínio de um estado afetivo de prazer, gozo e satisfação, mas tendo como fim um nexu intersubjetivo.

Palavras-chave: método fenomenológico-empírico, psicologia fenomenológica, vivência psicológico-sexual.

Abstract

The search for men by sex workers is still a significant fact in many social, economic and cultural contexts. Therefore, understanding that prostitution has its place in the history of human relations, this research aimed to analyze the psychological experiences of men in the search of sex workers. For the research the phenomenological-empirical method of A. Giorgi and D. Souza (2010) was chosen, with changes proposed by Goto and Feijoo (2016), which consisted in a first moment, to find the essential meanings lived in the then recognize and distinguish the psychological experiences that underlie these meanings. Seven men over the age of 18 and clients of these professionals participated. The interviews were based on a guiding question. In the analysis of the experiences was found as essential meaning the sexual satisfaction, as well as other meanings but of particular order. After the delimitation of meanings was analyzed step-by-step how these meanings are psychologically lived from their structures and psychic conditions, resorting to the psychological-phenomenological descriptions of Husserl, Stein and von Hildebrand. It was concluded that the psychological experience of men is essentially a bodily-affective experience, which arises impulsively in a natural and spontaneous way, and that seeks to maintain the predominance of an affective state of pleasure, enjoyment and satisfaction but having as an end an intersubjective nexus.

Keywords: phenomenological-empirical method, phenomenological psychology, sexual-psychological experience.

¹ Professor da Pós-Graduação em Psicologia e Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia – (UFU), Brasil. Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Campinas). Email: tommy@ufu.br. <https://orcid.org/0000-0003-4972-7801>

² Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da UnB, Brasil. Coordenador dos Grupos de Intervenção Precoce nas Psicoses (GIPSI). Email: ileno@unb.com. <https://orcid.org/0000-0002-1571-0297>

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Brasil. Bolsista de Iniciação Científica 2016/2017 (UFU/CAPES). Email: brupsico11@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3605-4548>

INTRODUÇÃO

A procura por profissionais do sexo ainda se faz presente na contemporaneidade em muitos contextos sociais, econômicos e culturais. Se tomarmos o território brasileiro, como exemplo, nos trabalhos de mineração e da corrida pelo ouro, nos anos de 1980 e 90, a prostituição acompanhou essas áreas de atividades econômicas em desenvolvimento, uma vez que tais regiões, como o norte, ganharam muitos migrantes. Essas conexões do trabalho do sexo com obras nacionais são notáveis e podem ser vistas em exemplos de reportagens jornalísticas recentes no Brasil (SOF, 2013). Recentemente, a discussão sobre a prostituição no país foi acentuada pela Copa do Mundo, explicitando um notório turismo sexual, principalmente acerca de cidades do Nordeste, como lugares com base erótica e exótica, além desses lugares estarem relacionados ao imaginário da disponibilidade sexual.

Nesse trabalho questionamos a busca dos homens por profissionais do sexo, sendo necessária uma breve contextualização histórica, mostrando a presença da “profissão mais antiga da civilização ocidental”. Na Grécia antiga já se tem registro desde Sólon, que viveu em Atenas, de 638 a. C. a 558 a.C, e legislou essa cidade-estado. Também fundou o primeiro bordel dessa *polis*, o que ainda é tido como fato não comprovado, uma vez que não existe uma declaração oficial a respeito. Sólon era visto como benfeitor de seus cidadãos, pois reconheceu que tal ambiente era importante para o “bem e tranquilidade do povo” (Bassermann, 1968, p. 12). Dessa forma, pode-se dizer que esse legislador grego instituiu um dos mais antigos produtos para comércio foram esses favores femininos.

No entanto, é possível identificar indícios da existência da prostituição na Grécia Antiga como uma prática profissional que com o passar do tempo, sofreu modificações e restrições, localizada hoje à margem. Atenas usufruiu dos preços dos ingressos para a entrada de homens nesses ambientes, tanto dos mais ricos (aristocracia) com a possibilidade de manter suas concubinas, quanto dos mais pobres. Para que todos os homens fossem beneficiados, três grupos de servas de Afrodite foram organizados: “as ocupantes dos bordeis, denominadas *dicteríades*, as tocadoras de flauta e dançarinas, reunidas sob a denominação genérica de *aulétrides* e, finalmente, as *hetairas*, as que tinham os cabelos pintados de amarelo” (Bassermann, 1968, p. 14).

O imposto cobrado das servas oscilava e dependia da energia e dos escrúpulos do cobrador. Também durante a Idade Média, na Roma, na Provença medieval, e, mormente na França moderna, os cobradores viviam bem com a sua prática, assim como em Atenas. Ademais, como o Estado ateniense era consideravelmente pequeno, tais servas eram valiosas e existia uma regulamentação severa para sua saída da cidade, além de roupas e horários específicos para seu trabalho (Bassermann, 1968).

Essas condições perduraram pela Idade Média, “apesar de o cristianismo encontrá-las repetidas, como à promiscuidade dos primitivos povos bárbaros sucedeu a civilização, trazida, para nós, pelos fenícios, gregos, cartagineses e romanos, e adotada pelos *godos* e *árabes*” (Brasil, 1932, p. 4). Assim, a prostituta da Idade Média pertencia à vida da cidade, e uma das diversas razões para a sua entrada na profissão, era devido às guerras que deixavam viúvas muitas mulheres, que pela miséria extrema e desamparo não viam muitas possibilidades (Trizoli & Puga, 2005). É plausível que os clientes que buscavam essas prostitutas do período medieval fossem homens jovens e não casados. Existia certa tolerância social acerca da atividade sexual de homens, tanto no período pré-marital e quanto no extraconjugal. Tal aceitação generalizada era entendida como um modo de se estabelecer a própria masculinidade, além de precaver outras desordens.

Com o advento da Revolução Industrial, as mulheres se aproximaram de alguns ambientes públicos, saindo de seus lares para a rua, o que causou certas mudanças na sociedade, possibilitando assim as revoluções sexuais e feministas. Ademais, um aumento aceitável da mulher em relação às decisões sexuais e reprodutivas. Todavia, tal emancipação não trouxe novas possibilidades para as prostitutas, quanto a sua representatividade, visto que são ainda destinadas a um espaço degradante, em que devem se submeter à dominação masculina, de necessidades, vistas pela sociedade, como sujas, repulsivas e que vão contra a decência (Richards, 1990). Ainda hoje a clientela dessas mulheres é configurada por homens que não podem, por razões diversas como limitações fisiológicas, religiosas, morais, pessoais, prazeres considerados incabíveis, além de não encontrarem satisfação com suas esposas (Brasil, 1932).

No Brasil, a prostituição começou com a vinda de mulheres portuguesas brancas, órfãs, ladras, prostitutas e assassinas, a fim de satisfazerem os desejos sexuais dos exploradores portugueses que aqui chegaram, a partir de 1500, iniciando a colonização apenas em 1530. Já havia uma preocupação da Igreja Católica no sentido de conter a gravidez das índias e a miscigenação, além de manter a raça branca predominante. Quando D. João Pedro chegou ao Brasil, novas prostitutas também aportaram, provenientes da França e de Açores, porém, apenas no século XVIII é que surgiram as primeiras casas de prostituição em São Paulo, possibilitado com a descoberta do ouro na cidade de Cuiabá (Cavour, 2011).

No século XIX, as possibilidades de emprego eram poucas e com os preconceitos que não permitiam que as mulheres trabalhassem, aumentavam a precariedade de condição de vida. Isso possibilitou desenvolvimento de três classes de prostitutas: aristocratas ou de sobrado, de rótula ou sobradinho e escória. Apenas no século XIX e XX a prostituição ganhou mais espaço na sociedade, com a criação dos cabarés, pensões chiques, que funcionam com seus próprios códigos até hoje, e também como espaço de interação social (Cavour, 2011).

Em 1914, registrava-se no país 812 prostitutas, caindo para 269 em 1915, e esse número oscilou muito durante e depois da Primeira Guerra (1914-1918). Têm-se como fatores que influenciaram a saída de prostitutas da Europa para o Brasil: crise econômica, miséria, perseguição religiosa, entre outros. Em meados de 1942, na época da chamada “ditadura Vargas”, foram fechados estabelecimentos grandes, que apenas nos anos 50 foram reabertos. Em 1960 foi criada a zona “Boca do Lixo”, e em 1980, a capital de São Paulo contava com 100 mil prostitutas. Em 1987, Gabriela Leite (1951-2013) organizou o programa “Prostituição e Direito Cívico”, onde criaram a “Rede Brasileira de Prostitutas”. Benefícios políticos e sociais foram alcançados com o programa (Cavour, 2011).

Até os anos de 1970, havia o acordo de que a prostituição não deveria ser legalizada nem organizada pelo Estado, entre os governos nacionais e a lei internacional. Todavia, esse caráter de reprovação mudou com o neoliberalismo dos anos 80. No século XX, com a nova ideologia e prática econômica de tempos neoliberais, nos quais a tolerância da liberdade sexual converge com a ideologia de livre mercado para reconstruir a prostituição como trabalho legítimo. Nesse contexto, a prostituição foi legalizada e convertida em um setor do mercado, em países como Austrália, Holanda, Alemanha e nova Zelândia (Jeffreys, 2011).

Desde 2002, no Brasil, prostituir-se é legal e reconhecido pelo Ministério do Trabalho. No entanto, a prostituição não é uma profissão regulamentada e apesar de ter voltado à discussão, como Projeto de Lei n. 4.211/12 ou Lei Gabriela Leite – homenagem à militante e ativista dos direitos das prostitutas – é originalmente um projeto datado de 2003, resgatado pelo deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), em 2012, e atualmente, está parado na Câmara dos Deputados, onde espera análise (Cazarré, 2016).

Esse Projeto de Lei tem como escopo reduzir os riscos danosos advindos de tal atividade, além de reafirmar direitos básicos, como: acesso à justiça, direito elementares como questões previdenciárias e acesso à Justiça. Ademais, ainda dissocia a prostituição da exploração sexual propondo a modificação do Código Penal, e dessa forma, tornando legais as casas de prostituição desde que não se exerça exploração sexual (Projeto de Lei nº 4.211, de 2012). Apesar de a Rede Brasileira de Prostitutas e a Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais terem instigado a discussão a fim de agilizar a aprovação, essa parece muito longe de se efetivar. Ademais, caso seja aprovada a reforma do Código Penal que tramita no congresso, a profissão deixará de ser regulamentada, e, além disso, descriminalizar-se-ia o rufianismo e as casas de prostituição (Martín, 2016).

Em contrapartida a esse Projeto, vêm ganhando espaço algumas posições feministas que se dividem entre abolicionistas que compreendem as prostitutas como vítimas sem liberdade de escolha, e regulamentaristas em que o trabalho sexual é visto como atividade, podendo ser exercida de forma livre e, portanto, deve ser legalizada, existindo, nessa posição, diferença entre tráfico e prostituição (Cazarré, 2016). Dessa forma, temos que a legalização da profissão é defendida pelas feministas liberais que se apoiam sobre a distinção entre prostituição voluntária e prostituição forçada, apoiando que a prostituição deveria ser legalizada e sindicalizada, a fim de promover condições de trabalho e separá-la da prostituição forçada (Jeffreys, 2011).

Nessa pesquisa consideramos a prostituição como trabalho e, portanto, denominamos as trabalhadoras como profissionais do sexo. Questionamos a busca dos homens por tais profissionais, uma vez que geralmente se indaga muito sobre essas trabalhadoras, suas questões para a entrada e permanência nessa atividade, e, no entanto, pouco se busca compreender sobre as pessoas que buscam e mantêm esse trabalho funcionando, isto é, os seus clientes. Entendendo que a prostituição feminina tem seu lugar na história das relações humanas, essa pesquisa teve o intuito de analisar as vivências psicológicas presentes nos homens que buscam as profissionais do sexo. Com este estudo busca-se também compreender de maneira mais profunda, acerca da motivação que conduz essa busca, visto que a relação com o cliente ultrapassa, muitas vezes, a lógica do dinheiro, evidenciando que as motivações para a procura são diversificadas (Russo, 2007).

MÉTODO

Essa pesquisa foi realizada como iniciação científica¹ na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada ao grupo de pesquisa “Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: Investigação dos Processos Psicológicos” e teve como objetivo identificar e analisar as vivências psicológicas de homens que procuram profissionais do sexo. Quando se delimita a questão dos homens “buscarem” profissionais do sexo, percebe-se de imediato a presença da motivação (motivos), sendo essa ideia recorrente no cotidiano dessa prática. Assim, buscou-se também analisar a presença da vivência psicológica referente à motivação e como essa se relaciona com outras vivências da procura pelo serviço sexual.

Para esse empreendimento, escolheu-se a Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) por possuir um método que considera toda manifestação humana tal como aparece, sem prejuízos teóricos. No entanto, para o desenvolvimento de uma pesquisa psicológica empírica, ou seja, aquilo que é vivido de maneira psíquica (real), alguns elementos necessários na fenomenologia de Husserl são operacionalizados de maneira diferente que a filosófica nesse procedimento metodológico. Nessa pesquisa utilizou-se assim a proposta de “pesquisa

fenomenológico-empírica” concebida e apresentada por Giorgi e Souza (2010), porque permite que, a partir da narrativa dos colaboradores, possa emergir os componentes da experiência sem nenhum tipo de definição prévia por parte do investigador, o que possibilita permanecer-se o mais autêntico possível ao fenômeno estudado. Dessa forma, não há uma hipótese, mas um problema a ser analisado e compreendido (Giorgi & Sousa, 2010). Ainda, segundo os autores Martins e Bicudo (2005), Giorgi e Souza (2010) e Feijóo e Goto (2016), a pesquisa empírica pode se fundamentar fenomenologicamente, visto que propõe estar rigorosamente ligada ao fenômeno, referindo-se à peculiaridade qualitativo-fenomenológica.

No entanto, como foi discutido e analisado por Feijóo e Goto (2016), essa operacionalização do método fenomenológico-empírico ainda se mostra incompleta no que se refere a uma investigação da Psicologia Fenomenológica elaborada por Husserl, principalmente no que tange à redução psicológico-fenomenológica da experiência à vivência. Melo (2016) também expõe problemas acerca do método proposto por Giorgi (2001), que promoveu adaptações, a fim de viabilizar a realização de pesquisas científicas. Em resumo, Feijóo e Goto (2016) evidenciam que as “sínteses de significados psicológicos sobre o tema” como propõem Martins e Bicudo (2005) e Giorgi e Sousa (2010), estão mais relacionadas às atuais propostas das fenomenologias hermenêuticas, que propriamente a investigação das vivências psicológicas/psíquicas, objetivo da Psicologia Fenomenológica.

Ainda, como destaca Melo (2016), a redução proposta pelo método de Giorgi (2001) e Giorgi e Souza (2010) é parcial, ou seja, “o pesquisador rompe com a atitude natural (polo do objeto), mas admite atribuir significado ao que foi relatado pelos sujeitos pesquisados, considerando o tema de sua pesquisa (polo do sujeito)” (Melo, 2016, p. 298). Nesse sentido, os protocolos descritivos da psicologia fenomenológica-hermenêutica consolidam as experiências pelos seus significados, e, em último caso, quem traduz as descrições dos sujeitos, associando aos objetivos da pesquisa e também à perspectiva de análise que adota é o próprio pesquisador.

Como analisam Feijóo e Goto (2016), a Psicologia Fenomenológica não é uma ciência empírica, no sentido natural, e por isso, deve-se ir até a vivência psíquica e não se restringir à experiência. E, ainda menos deve-se identificar e qualificar apenas os significados da experiência, assim como fazem os já mencionados autores, que acabam por modificar o que Husserl (1927/1990) propôs, uma vez que não analisam as vivências psíquicas e suas peculiaridades, conseqüentemente não realizam a redução, e assim não chegam às vivências psíquicas, estabelecendo-se apenas no sentido/significado das experiências de forma parcial. “Para a psicologia, afirma Husserl, se inaugura aqui a tarefa universal: explorar sistematicamente as configurações das vivências intencionais [...]” (Husserl, 1927/1990, p. 62.)

Por mais que método apresentado por Giorgi e Souza (2010), qualificado aqui como fenomenológico-empírico hermenêutico, contemple certos requisitos científicos importantes (ao produzir conhecimento metódico, sistemático e crítico), além de ser portador de vigor subjetivo, capaz de abarcar requisitos psicológicos significativos por analisar as descrições, ainda não atinge a proposta original de uma Psicologia Fenomenológica conforme Husserl (1990), terminando por se assemelhar a outros métodos qualitativos, como enfatiza Branco (2014), tais como análise de discurso, análise de conteúdo ou hermenêutico.

Assim, para que uma análise psicológico-fenomenológica aconteça, deve-se “partir das vivências mesmas e como essas se dão, descrevendo-as como tal e identificando as suas estruturas sintéticas e universais” (Goto & Feijóo, 2016, p. 6). Para isto, é essencial que uma investigação psicológica esteja pautada no método fenomenológico, e conservar ao menos: “a redução eidético-fenomenológica, descrição dos vetores internos ao

fenômeno psíquicos, a explicitação e a descrição das vivências psíquicas” (Feijóo & Mattar, 2014, citado por Goto & Feijóo, 2016, p. 07).

Dessa forma, seguindo os passos propostos por Martins e Bicudo (2005), Giorgi e Souza (2010), mas reformulados aqui por Feijóo e Goto (2016), desenvolveu-se o método fenomenológico-empírico aplicado à Psicologia, adotando os seguintes momentos metodológicos: no primeiro momento o investigador deve obter as descrições das experiências de outros sujeitos, a partir das narrativas das vivências relativas ao fenômeno em questão, em seu contexto de aparição; no segundo, é desenvolver a redução psicológico-fenomenológica, ou seja, uma redução que tem o intuito de chegar às sínteses de significados psicológicos sobre o tema. Nesse momento, busca-se “estabelecer a essência do objeto de estudo através da variação livre imaginativa, na qual a análise eidética é enquadrada pela perspectiva psicológica do investigador, que define sínteses de significados psicológicos sobre o tema” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 74). Por fim, passa-se a identificar e analisar as possíveis vivências psíquicas presentes nesses significados da experiência como sugerem Goto e Feijóo (2016)².

É importante observar que essa investigação, por ser psicológico-empírica, se limitou na identificação e na discussão das vivências psicológicas da experiência vivida e não se assumiu a tarefa de desenvolver uma descrição das peculiaridades pertencentes a cada vivência psicológica encontrada, pois essa constituiria uma investigação própria da Psicologia Fenomenológica Pura (Husserl, 1927/1990) que não necessitaria de uma investigação empírica. Assim, deixou-se de lado a análise psicológico-fenomenológica propriamente dita, porque se entende que esse tipo de análise não constitui o objetivo de uma pesquisa psicológica-empírica, mas sim uma análise da Psicologia Fenomenológica, além da configuração aqui ser de um artigo e não um tratado. No nosso entender, as análises da Psicologia Fenomenológica não necessitam de apreensões empíricas via coleta de dados, entrevistas, questionários, etc. Ao contrário, as descrições psicológico-fenomenológicas podem ser feitas a partir da própria vivência do pesquisador, por exemplo, porque o “que o ser psíquico ‘é’, a experiência, não pode ensinar no mesmo sentido que se aplica ao físico, vez que o psíquico não é aparência empírica; é ‘vivência’, averiguada na reflexão, autoevidente, [...]” (Husserl, 1911/1965, p. 33). No entanto, no intuito de desenvolver uma pesquisa fenomenológico-empírica como Psicologia Fenomenológica, seguindo a proposta inicial de Giorgi (2001), Giorgi e Souza (2010), Martins e Bicudo (2005), Giorgi e Souza (2010) e Feijóo e Goto (2016), optou-se assim por recorrer às descrições psicológico-fenomenológicas desenvolvidas pelos fenomenólogos Edmund Husserl, Edith Stein e D. von Hildebrand das vivências aqui encontradas.

Para a realização da pesquisa foi solicitada a participação de homens heterossexuais, sem distinção de idade e estado civil, que fossem clientes dessas profissionais. Como critérios para exclusão de sujeitos como colaboradores da pesquisa, temos: homens que não tenham completado 18 anos de idade, que não tenham orientação heterossexual, nem sejam clientes de profissionais do sexo.

Para alcançar os objetivos delineados, tomou-se inicialmente como universo empírico uma região do município de Uberlândia/MG e Batatais/SP, no período entre agosto de 2016 e junho de 2017, escolhidas pelos pesquisadores por possuir áreas geográficas que concentram a atividade de prostituição. A escolha das cidades dos participantes se justificam por ser do conhecimento prévio dos pesquisadores. Após o envio e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (CAAE: 57759016.6.0000.5152), foi realizado contato com os clientes homens das prostitutas, na cidade de Uberlândia/MG e Batatais/SP. Contudo, devido à dificuldade de contatar participantes para relatarem pessoalmente as suas experiências, buscou-se outra

forma de abordagem que os mantivesse no anonimato para que pudessem sentir confortáveis ao responder, uma vez que o tema lhes causava constrangimento. Assim, a fim de encontrar outros colaboradores, procurou-se em sites especializados de busca e avaliação (recomendação) dos serviços das profissionais. A partir de então, conseguiu-se contatar colaboradores por meio do correio eletrônico do próprio site, explicando para esses sobre a entrevista e seus objetivos, além dos riscos e benefícios dessa. Depois do convite e aceite para a entrevista foi solicitado que o cliente enviasse sua resposta via e-mail, após da confirmação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Aos colaboradores foi esclarecido o objetivo da pesquisa e apresentados os possíveis riscos de constrangimentos, desconfortos e angústias que poderiam vir a ser vivenciadas, bem como os benefícios, como a possibilidade de maior reconhecimento de sua história, de suas ações, de suas crenças e convicções, propiciando uma reflexão sobre a procura de profissionais do sexo. Foram realizadas também algumas entrevistas pessoais que foram gravadas e depois transcritas, após assinatura de TCLE. As entrevistas estavam pautadas, conforme Martins e Bicudo (2005), em uma pergunta orientadora, a saber: “Para você, o que te leva a buscar profissionais do sexo?” Ressalta-se que o anonimato dos colaboradores foi garantido e que os dados obtidos nesse estudo foram utilizados apenas para fins referentes aos objetivos aqui tratados.

Quanto ao risco da perda do anonimato dos participantes no processo da pesquisa, foram tomadas medidas de proteção, como: o uso de pseudônimos e a não identificação dos dados específicos do local em que a pesquisa foi realizada em documentos, apresentação de trabalhos científicos e publicações. A fim de se evitar distorções e preconceitos em relação à proposta investigativa, foram levados em consideração cuidados quanto à disponibilização de informações sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, por meio do TCLE.

Por fim, foram obtidas sete entrevistas, sendo três realizadas pessoalmente, e outras quatro via e-mail. As primeiras foram áudio-gravadas, e logo depois transcritas na íntegra e literalmente. O áudio foi apagado em seguida, a fim de garantir o anonimato do entrevistado. Já no caso da entrevista realizada por e-mail, nenhum dado acerca do endereço eletrônico do qual foi enviada a resposta do entrevistado foi exposto, nem publicizado.

Seguidamente, tais relatos percorreram um processo gradual em concordância com o método fenomenológico-empírico de Giorgi (2001), Martins e Bicudo (2005) e Giorgi e Souza (2010), incluindo a orientação de análise das vivências psíquicas, conforme sugerem Husserl (1927/1990) e Feijóo e Goto (2016). Inicialmente, foram transcritas as narrativas e em seguida dividiu-se em Unidades de Significado; o segundo passo foi transformar as Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico; no terceiro, determinou-se a Estrutura Geral de Significados Psicológicos, sendo destacados os aspectos comuns de todas as entrevistas (invariantes) e também as particularidades (variantes), a fim de compreender a totalidade das vivências relatadas; e, por fim, a partir da estrutura geral dos significados (invariantes e variantes), buscou-se encontrar as vivências psíquicas presentes, ou seja, as estruturas psíquicas vividas dessa experiência. Dessa forma, o fenômeno psíquico pesquisado foi expresso em estruturas de acordo com os componentes das unidades que foram considerados como os constituintes e essenciais para a motivação em análise, ou seja, as estruturas traduziram a essência psicológica do fenômeno vivido.

RESULTADOS OBTIDOS, DESCRIÇÃO E SÍNTESE DOS SIGNIFICADOS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

A partir do método de Giorgi e Souza (2010), por meio das análises das entrevistas, obtivemos as seguintes sínteses descritivas das narrativas:

O entrevistado E1 (41 anos de idade) relatou que prefere não ter a tarefa de conquistar uma mulher, visto que percebe como mais fácil e barato o encontro com uma prostituta, pois pode estabelecer e negociar o que espera dela. Ele também pode eleger a profissional de sua preferência e negociar o que espera que essa realize. Temos que ele valoriza a posição de anonimato que a profissional assume. Também relata que sua busca não se resume apenas a satisfação de suas necessidades sexuais, mas também para obter carinho, estar em boa companhia.

O entrevistado E2 (23 anos de idade) relatou a curiosidade como motivo primeiro que o levava a busca de profissionais do sexo. Ademais, a liberdade e facilidade para solicitar desejos sexuais, sem constrangimentos, apontando sua comodidade para tal. Expressou que o desejo sexual pode ser recusado pela parceira sexual, visto que certos pedidos podem ser vistos como inconcebíveis por sua característica repulsiva. Por último, a busca pela profissional se mostra menos geradora de contratempos e, além de ser a satisfação sexual garantida.

O entrevistado E3 (52 anos de idade) relata que entre os motivos para a sua busca de profissionais está o entretenimento e diversão, encontro esse entendido como uma forma de findar festas. Fala que após ingerir relevante quantia de bebida alcoólica, entre seus pares, sente vontade de se divertir com mulheres. Sente-se confortável para dizer, de maneira franca, aquilo que sente para a profissional, o que não faz com outras mulheres. Para ele as profissionais são mulheres agradáveis que conseguem manter bons diálogos. Explica que não possuir um compromisso, amplia a possibilidade de procurar uma profissional. Expõe, por fim, que a busca pode ser vista como uma forma de aliviar o estresse.

O entrevistado E4 (56 anos de idade) relata três motivos como fundamentais para a sua busca de profissionais do sexo. O primeiro desses e também selecionado como central, pelo entrevistado é de poder conhecer outras mulheres. Os outros motivos são conseqüências do primeiro, visto que pode ter a possibilidade de interagir com essas profissionais e realizar desejos sexuais, desde os mais simples e comuns, aos menos convencionais. Conta que se sente completo ao poder ter essas relações, e muito realizado quando a profissional expressa carinho e atenção em relação a ele. Expõe que namorar também é um motivo para sua busca. Explica que por ter se casado muito cedo, sente que perdeu essa parte de sua vida. Também relata que não é somente uma necessidade sexual que o motiva, mas a oportunidade de receber carinho. Por fim, relata que já esteve em uma relação mais duradoura com a mesma profissional, na qual sentia muita satisfação, e que seguir com esse formato de relacionamento mais longo interferia muito em sua autoestima.

O entrevistado E5 (52 anos de idade) relatou que os motivos para buscar uma profissional do sexo estão relacionados com a monotonia que seu casamento, e a correria do dia a dia, filhos, quase não tendo a possibilidade de fazer algo diferente com sua esposa. Dentre as profissionais prefere massagistas, pois essas estão em ambientes higienizados e controlados.

O entrevistado E6 (26 anos de idade) expõe a necessidade sexual como motivo primeiro para sua busca por profissionais, equiparando a uma condição indispensável, praticamente fisiológica. Relata ser uma pessoa solitária, que não se relaciona social e afetivamente com mulheres e que possui somente a opção de se encontrar com

profissionais, visto que para ele, o sexo oposto não se sente atraído por ele e não o considera como possível parceiro sexual. Recusa-se ao encargo social de que o homem deve se mobilizar para conquistar uma companheira, além de lhe estar ausente o interesse pelo meio feminino, e, portanto, não considera razoável desperdiçar tais recursos, tanto financeiros quanto afetivos.

Como motivos que levaram o entrevistado E7 (63 anos de idade) a buscar profissionais do sexo está a sua indisponibilidade para ter compromisso com uma pessoa, entendido como algo muito exaustivo. Expõe não querer se justificar sobre suas ações, nem mesmo estar disponível para uma mulher por longo tempo, nem mesmo ter seu tempo vago diminuído. Também não está disposto a se ocupar com problemas advindos de uma relação, nem ter de lidar com familiares de uma possível companheira. Assim prefere estar com uma profissional do sexo, pois pode ter sexo sem compromisso, no momento em que preferir, com a profissional de sua preferência, e com tempo demarcado. Aponta que essa pode satisfazer suas necessidades e fantasias sexuais, sendo encontros que possuem sua singularidade, que não se equiparam com o encontro com outras mulheres, sendo o mais importante: sem envolvimento afetivo.

A partir dos relatos de experiência, foram encontradas unidades de significados comuns em todas as narrativas (invariantes) e também unidades de significados particulares (variantes). Como significado invariante da experiência, encontrada em todos os relatos, temos: a realização sexual.

A satisfação sexual foi colocada como significado essencial nesse processo de procura ou busca por uma profissional do sexo, sendo relatada por todos os entrevistados. Como exemplo, temos o relato do entrevistado E6, que expõe explicitamente seus motivos, entendendo a necessidade sexual como o motivo primeiro de sua busca, além de ser essa uma condição praticamente fisiológica: "Sexo é uma necessidade natural, como comer, beber, urinar ou defecar - você precisa satisfazer [...]" (Sic, E6, p.1). Como outro exemplo, temos o relato do colaborador E2, que expressa ser a satisfação sexual, algo praticamente garantido: "[...] Então, a comodidade é muito maior e, entre aspas, você tem a garantia do prazer" (Sic, E6).

Além da realização sexual, outros significados foram encontrados, mas que dizem mais a experiência particular (variante). O entrevistado E2 traz um significado particular, mas que apareceu também nos relatos dos participantes E1, E6 e E7, que diz respeito ao menor dispêndio afetivo e econômico dessas relações. Assim, alguns participantes colocam que preferem não ter o trabalho de conquistar uma mulher, optando por um encontro menos dispendioso, tanto afetivo, quanto economicamente. Em seu relato entrevistado E7 aponta essa economia como motivo para sua busca pela profissional:

Namorar dá trabalho, a pessoa tem seu tempo livre comprometido, e com obrigações como levar a namorada para passear, mandar mensagens, lembrar datas especiais, lidar com familiares dela, enfim, dar satisfações o tempo todo, além de outras chatices mais (Sic, E7).

Concordando com essa ideia, o entrevistado E6 considera um desperdício de recursos, tanto financeiros, quanto afetivos, o encargo social de se mobilizar na conquista de uma companheira. Outros significados variantes encontram-se nos relatos dos participantes E2, E3 e E4 acerca da liberdade na relação oferecida por essas profissionais. No caso do entrevistado E3, na relação com as prostitutas existe maior facilidade para estabelecer diálogos que não se sentiria confortável para fazer com outras mulheres. Já os participantes E2 e E4 relatam sobre essa liberdade, mas no sentido de solicitar desejos sexuais, tanto convencionais, quanto os mais incomuns.

Pode-se identificar em alguns relatos outro significado particular referente à questão afetiva, contudo com relação à sensação de aceitação desses clientes, por parte das profissionais. E1, por exemplo, relata sobre os motivos de sua busca, sendo a companhia e a aceitação significados tão importantes quanto a satisfação/realização sexual. Também E4 e E1 colocam que sua busca não se motiva apenas pela satisfação sexual:

Conhecer outras mulheres e poder ter relações me completam bastante. [...] creio que a maior realização é quando esta profissional consegue demonstrar um pouco de carinho e atenção (Sic, E4).

Confesso que já procurei amor pago, para apenas conversar, receber massagem ou apenas passear em boa companhia, receber carinho em gestos ou palavras (Sic, E1, p. 1).

Ademais, a possibilidade de eleger a profissional de sua preferência foi outra variante encontrada, como exemplos as falas dos colaboradores E1, E7:

[...] escolho a mulher que eu quiser, sendo que ela obviamente vai me aceitar (Sic, E1).

[...] (procuro sexo) com quem (eu) quiser. (Sic, E7).

Outras variantes encontradas, e que não se repetiram em nenhum outro relato foram: a curiosidade (E2), o entretenimento e diversão, e uma possibilidade de alívio do estresse (E3), conhecer novas mulheres e diferença na autoestima (E4), monotonia e correria do dia a dia (E5) e por fim, a singularidade do encontro com a profissional e o não envolvimento afetivo (E7).

ANÁLISE PSICOLÓGICO - FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA DE HOMENS QUE BUSCAM PROFISSIONAIS DO SEXO

Como citado anteriormente, essa pesquisa tem por objetivo identificar e discutir, a partir dos significados das experiências descritas, as vivências psicológicas dos homens que procuram as profissionais do sexo. Dessa forma, seguindo a proposta metodológica da pesquisa, para a análise das vivências relacionadas com os significados vividos, utilizou como base teórica as descrições psicológico-fenomenológicas dos fenomenólogos Edmund Husserl, Edith Stein e Dietrich von Hildebrand.

a) Causalidade psíquica e o impulso psicofísico

Ao se tratar da “busca” de homens por profissionais do sexo, percebe-se imediatamente o tema do “motivo”. Está-se aqui se demarcando a experiência de “busca” desses homens, demarca-se uma motivação que os impulsionam ou mesmo que minimamente os direcionam a obter esse tipo de experiência. Então, o que é essa “busca” vivida pelos homens que procuram o serviço sexual? O que caracteriza essa “busca”?

Edith Stein (1891-1942) em sua obra denominada “Contribuições para uma fundamentação filosófica da Psicologia e das ciências do espírito” como tese de livre docência em 1919, e publicada em 1922, desenvolveu uma análise psicológico-fenomenológica da motivação. Este estudo contribuiu para o entendimento acerca do que vem a ser a *psique* e seu lugar “na fundamentação do conhecimento e a relação dessa ciência com a pessoa humana, indicando aí já um caminho para compreensão dessa relação” (Schievano, 2016, p. 134). Para isso fez investigações precisas sobre a consciência, sobre a vida psíquica, principalmente no que se refere à questão da causalidade e motivação, porque considerou essas leis imprescindíveis para a compreensão da *psique* e de sua unidade com o

corpo e com o espírito humano.

Em sua investigação a respeito da esfera da causalidade psíquica, Stein (1922/2005) expõe que a falta de discernimento entre psiquismo e consciência nas pesquisas da Psicologia, reflete principalmente na ausência de clareza sobre a definição do próprio termo “psíquico”. Tal distinção se faz importante aqui, porque permite captar “o processo de inscrição das vivências do sujeito sem reduzi-las ao campo do psíquico”, podendo caso seja o preciso alcançar outras realidades constitutivas do humano (Almeida, 2016, p. 148); mas que, ao mesmo tempo, possibilita o entendimento mais delimitado e profundo do campo psicológico, sem os prejuízos naturalistas científicos.

É importante salientar, como observa Husserl (1911/1965), que na psicologia tem predominado o entendimento que o “psíquico” é de natureza psicofísica, determinado por leis naturais. Dessa maneira a causalidade psíquica foi tratada, e ainda é na Psicologia, de forma naturalizada e fisicalista, pois ainda se entende que o mecanismo causal, espaço-temporal da *psique* é regido exclusivamente por leis de associação. Stein (1922/2005) apresenta a motivação como uma lei espiritual que atinge o psíquico, ressaltando que uma adequada compreensão dessa esfera, onde considera não só o seu vínculo com a *psique*, tem também uma a dimensão espiritual.

De maneira sintética, Stein (1922/2005) promove uma descrição entre a causalidade existente na *psique* e a causalidade existente no mundo físico, isso porque já compreendia que a esfera psíquica não sofre apenas as influências da esfera corpórea e que mobiliza as diversas atividades psíquicas, mas também a esfera espiritual. Dessa maneira, a causalidade no âmbito psíquico não pode ser medida, nem prevista ou se assegurar uma regularidade de reações psíquicas, mesmo que no mesmo acontecimento. Assim, a causalidade da *psique* é qualitativa, e “são codeterminadas tanto pelas condições do ambiente circundante como pelos dispositivos do corpo vivo” (*Leib*) (Almeida, 2016, p. 150). Ademais, como a vida da *psique* acontece ao sujeito psicofísico, esse não pode decidir ter ou não tais reações, sendo o impulso uma das formas desse acontecer, constituindo assim os atos involuntários. A esfera passiva, espontânea da *psique* é regida então pela lei da causalidade psíquica, sendo aquilo que acontece ao sujeito sem ativação de uma vontade.

Apesar de o sujeito não ter controle sobre a aparição de seus impulsos, dos desejos e do vir a tê-los ou não, ele pode se voltar a algo e captar-lhe o sentido disso por meio de um ato voluntário, ou seja, pode realizar uma intervenção para dirigir esse impulso psicofísico. “Na *psique* há um eu escondido, então chamamos de esfera passiva; e sua lei é a causalidade (de cunho qualitativo). No espírito o eu está em vigília e, assim, é chamada de esfera ativa; e sua lei é a motivação (dirigir-se a)” (Ales Bello, 2015, p.63). Tal realidade evidencia o não determinismo completo da *psique*, mostrando que se pode tomar distância da dimensão psíquica, e se posicionar de maneira diversa ao ato involuntário.

Ainda de acordo com Stein (1922/2005), o impulso se configura como causal, espontânea, visto que existe uma “tendência não motivada”, isto é, que não está fundamentada completamente (sentido), configura-se apenas na vivência de uma satisfação real, ou possível, dependendo do estado vital pelo qual está sendo gerado, porque “os impulsos são conversões diretas de energia vital em atividade vital e, sendo assim, ela flui por meio deles” (Almeida, 2016, p. 155). A esfera vital é para Stein (1922/2005) a esfera da *psique* que possui uma força vital (*Lebenskraft*), substrato último ao qual se refere para compreender as mudanças dos estados psíquicos.

Stein (1922/2005) mostra que é possível perceber que o indivíduo consegue em algumas experiências dirigir de alguma maneira esse fluir do impulso, e quando isso acontece está se tratando de uma esfera ativa do ser humano, ou seja, da esfera do *querer*, que se refere a um ato voluntário, que inclui sempre uma direção, orientada pela ação da

vontade e que se fundamenta nos motivos (sentido/significações) dessa ação, tendo o eu, aquele que dirige seu olhar para a realização de tais motivos. Dessa forma, tem-se que o tender pode sofrer a ação da vontade, no sentido de aceitá-los ou de recusá-los. Essa esfera ativa do ser humano, apesar de encontrar limites ordenados pela esfera psíquica (*Psychisch*), do corpo vivo (*Leib*) e pelas barreiras socioculturais, pode agir sobre todas essas realidades.

Com essa descrição é possível compreender a motivação como um ato que se coloca como um liame de atos, um vínculo, e a sua lei, por ser ampla, sem determinações, sendo assim caracterizada como leis dos atos livres e voluntários. Na vida psíquica existem motivos fundados em estímulos psicofísicos e motivos fundados de forma racional, isto é, em que há um sentido racional pelo qual se dirige até algo. O *voltar-se a*, ou *dirigir-se para* pode ter sido estimulado por um impulso e de maneira ativa, assim o ser humano tem a livre decisão de aceitar ou negá-lo. É a tomada de decisão, o *Fiat*, os atos livres e voluntários, que já começam na apercepção de algo constituem então as atividades espirituais (Bello, 2016). O ato livre indica saídas para o problema da liberdade no homem, uma vez que mostra uma nova via para se vencer o determinismo psicofísico, porque “se a causalidade psíquica engendra pulsões (*Triebe*), a motivação engendra aspirações (*Streben*)” (Santos, 2011, p. 231).

A experiência da “busca” dos homens pelas profissionais do sexo pode ser então caracterizada como uma experiência psíquica cujo significado essencial vivido é a realização sexual. Mas, como é vivido psicologicamente esse significado? Ao se recorrer à experiência psicológica propriamente dita, encontra-se uma vivência psicosssexual, que se torna evidente por sua fundação psicofísica. Seguindo as descrições psicológicas de Stein (1922/2005), essa “busca” pertence à esfera da causalidade psíquica, vivenciada com um impulso psicofísico que ocorre de maneira natural, espontânea, além de se configurar como uma tendência não motivada, porque se limita em uma vivência psicofísica de uma satisfação real, ou possível do desejo sexual, fonte do prazer psicofísico sexual. Ainda, o impulso sexual aqui se associa a diversos outros impulsos que puderam ser identificados nos significados particulares (variantes) como o entretenimento e a diversão, e o alívio do estresse; significados esses que remetem à esfera psíquica, visto que estão intrinsecamente relacionados à condição do estado vital dos sujeitos.

Em outros significados particulares encontrados, tais como a possibilidade de eleger as profissionais de preferência e curiosidade, explicita-se a questão da “escolha”, e, portanto a apresenta-se aí algo da ordem racional. Todavia a escolha aparece seguida e complementarmente ao impulso, predominando assim o motivo psicofísico sexual. Como Stein (1922/2005) esclarece, existem motivos fundados em estímulos psicofísicos e motivos fundados na racionalidade (sentido), e, na experiência em questão, parece não existir uma razão ou um sentido pelo qual se “busca”, apenas no momento em dar cumprimento a melhor ou possível realização de um impulso sexual.

Diante disso, podemos considerar que a “busca” dos homens diz mais acerca da esfera dos “impulsos psicofísicos” que da esfera da motivação, uma vez que são impulsos ligados à esfera vital e acontecem naturalmente, e assim, em sua fundamentação não se caracterizam por serem espirituais³. Dessa forma, o *voltar-se a*, ou *dirigir-se para* que caracteriza a procura de profissionais do sexo se manifestou a partir de um impulso psicofísico. Fica claro e esclarecido como se iniciou o motivo psicológico desses homens na experiência de procurar profissionais do sexo, presentes nos significados encontrados (invariantes/variantes) que apontam o modo como eles vivenciam essa experiência. O significado essencial dessas experiências diz respeito à realização sexual e, como foi visto até agora, essa tem como base o impulso sexual.

b) A intencionalidade impulsiva como instinto proto-originário da relação sexual.

No registro vivido das experiências relatadas é possível identificar, como uma base originária desse “impulso psicofísico”, um impulso de ordem instintual orgânica e caracterizada como sexual, cuja conduta psicofísica se imprime entre outras coisas na conservação e perpetuação da espécie. Nas análises fenomenológicas de Husserl, os instintos, ou seja, impulsos não-satisfeitos com suas orientações para a satisfação, desde os inatos (protonecessidades) até os adquiridos de modo pessoal e social, estão relacionados ao começo da vida humana e ao despertar da consciência transcendental com nascimento biológico, que denominou “nascimento transcendental”. Husserl (2009) entende que o nascimento e desenvolvimento humano não consistem apenas em reações instintivas psicofísicas (biológica e psiquicamente), mas em um começo do interesse humano por “constituir” um mundo cercado de sentidos e validade. Para o fenomenólogo, o recém-nascido

já é um eu em um estado mais elevado, superior, que produz experiência, ele já adquiriu experiência desde sua existência na carne materna, ele já tem suas percepções com um horizonte de percepção. Além disso, ele possui dados de um novo tipo, contrastes em seu campo de experiência sensível; novos atos, novas aquisições sobre o fundo daquilo que foi adquirido previamente, ele é um eu de hábitos superiores, mas sem reflexão sobre si, sem temporalidade formada, sem recordações disponíveis, presente fluido entre retenção e protensão. (Husserl, 1935/2017, p. 375)

Ainda para o filósofo, no início, o recém-nascido já tem um “eu do começo constitutivo não é um eu-polo vazio e o começo do afeto não é completamente indeterminado, já é uma afeição dos instintos” (Husserl, 2009, p. 474). Assim, vai se constituindo uma “intencionalidade impulsiva” (Lee, 1993) que se caracteriza por um funcionamento pré-egoico (em um nível originário) e egóico, que está orientado até a realização de uma meta (que inicialmente não se conhece), constituindo assim as habitualidades das experiências impulsivas que vão se sedimentando. “O eu antes desse despertar, afirma Husserl (1935/2017, p. 374), o “pré-eu”, o eu não ainda vivente, já possui, todavia, a seu modo, um mundo prévio, um mundo extemporâneo, “dentro” do qual ele é não-vivente, para o qual ele ainda não foi desperto”.

Na vivência dos homens na experiência que se descreve aqui, encontra-se uma impulsividade que tem como fins a realização de uma satisfação orgânica para preservação ou conservação (fome, sede, etc.), mas que se constitui uma “intencionalidade instintiva”, pois se direciona e se mantém ligada aos outros humanos. Para Husserl,

o pré-eu é afetado, recebe da [experimenta a] *hylé* como primeira plenitude, primeira participação no mundo dos sujeitos egóicos vivos, despertos, que já estão em relação viva uns com os outros e com os quais este eu forma, por isso mesmo, um primeiro vínculo nascente: ele tem os pais e estes últimos estão dentro de uma comunidade total de “eus” viventes imersos na temporalidade histórica total a qual pertencem. (1935/2017, p. 374)

O início da vida de impulsos é assim o início da vida humana, marcadamente pela promoção do contato humano, onde a raiz primeira de toda tensão, o impulso converte-se em uma intencionalidade de caráter instintivo que está na base de toda constituição da natureza, toda sua ação e, principalmente, de toda a relação com o outro. Segundo Husserl (1973), a *vida impulsiva instintiva* tem como fim a possibilidade da formação de nexos intersubjetivos. A intencionalidade impulsiva de ordem sexual é, nesse sentido, o que vai direcionar o humano para um contato intersubjetivo sexual na vida adulta, porque, como observa Walton (2002, p. 280), “é um impulso intersubjetivo

e fundamentalmente um impulso para o outro sexo em que 'a referencialidade recai sobre o outro como um outro e com seu impulso correlativo'".

Assim, o tipo de impulsividade presente na experiência estudada refere-se a uma intencionalidade impulsiva sexual que orienta ou dirige a pessoa a uma relação intersubjetiva de caráter sexual com um outro, que, como descreve Husserl, na vivência

eu devo, atuando sobre a corporalidade, co-determinar a alma e produzir nela prazer sensível ou sofrimento sensível. Posso tratar o corpo próprio alheio como objeto de prazer e por esse meio produzir prazer na subjetividade alheia, ou desprazer, dor. E, como no prazer sexual, não só isso pode acontecer, mas ambas as partes podem, não apenas desfrutarem um do outra, para estarem conscientes de seu prazer, mas podem, como com Outro, confundidos no prazer e absorvendo a atividade prazerosa, estarem aí um para o outro e, nessa co-fusão, aspirando o prazer um pelo outro, podem estabelecer a unidade de uma comunidade de prazer. (Husserl, 1973, p.176-177)

Dessa forma, os homens ao buscarem as profissionais do sexo, mesmo sendo ativados por instinto sexual de ordem orgânica, e isso pode ser percebido pelos significados de ausência de compromissos, vínculos ou qualquer forma de busca por uma personalidade com outro; são acompanhados de uma intencionalidade impulsiva que os direcionam a uma relação com um Outro. Essa descrição psicológica da relação sexual também é confirmada por von Hildebrand que diz:

se nos aproximarmos fenomenologicamente da esfera do sexo, se a observamos sem prevenção, vemos que difere completamente de todos os outros instintos e apetites. Tem, antes de tudo, um tipo de profundidade que nem a sede, nem a fome, nem a necessidade de dormir, nem nenhum desejo de outro prazer físico possuem. (von Hildebrand, 2002, p. 22).

Então é possível concluir que mesmo não demonstrando interesses de vínculos de amizade, namoro ou mesmo casamento, que caracterizam outras esferas intersubjetivas, o instinto sexual se constitui como uma intencionalidade impulsiva sexual, que se configura em orientar ou dirigir as condutas humanas para a realização de uma meta prazerosa, mas tendo como fim um nexos intersubjetivo. Dessas relações sexuais, apetitivas e ocasionais (com prostitutas ou não), pode existir a possibilidade de se constituir também, como é comum a todos, outras formas intersubjetivas, não mais intencionalmente impulsionadas, mas afetivas e valorativas.

c) A intencionalidade instintiva sexual no corpo próprio.

O que se tem desenvolvido até aqui é uma descrição psicofísica do impulso sexual presente na experiência dos homens que tendem a se relacionar intersubjetivamente com profissionais do sexo. Ao retornar o olhar para a experiência desses homens, impulsionados sexualmente, e que buscam as prostitutas para a satisfação sexual (prazer sexual), pode-se dizer que essa experiência não se reduz apenas em uma mobilização da conduta, mas em um perceber-se corporal da excitação e da satisfação. Uma percepção que identifica essas sensações sexuais como localizadas no corpo, desde o brotar da excitação ao relaxamento fim. Essa localização não está em um corpo sem vida, inanimado (*Körper*), mas sim, em um corpo vivo (*Leib*), próprio, o corpo que anímico e corporeamente mostram-se juntos e que tem incorporado sensações (sentimentos sensíveis) e sensações cinestésicas. Desse corpo vivo se desloca a única possibilidade de tê-lo como sempre corpóreo/psíquico, tal como descreve Husserl no tomo II

de suas *Ideias*, ao se referir as sensações do toque do dedo sobre uma superfície fria: “Iguamente se comportam o frio da superfície da coisa e a sensação de frio no dedo. No toque da mão com outra mão teremos o mesmo, só que mais complexo; teremos então duas sensações”, ou seja, o tocante e o tocado, “e cada uma delas duplamente apreensível ou experimentável” (Husserl, 2005, p. 186).

A impulsividade e sensação sexual (excitação sexual) que surgem no corpo próprio (corporalidade) podem ser percebidas imediatamente como uma sensação corpórea, por estar acompanhada de uma consciência (psíquico) que permite o apreender ou dar-se conta daquilo que está acontecendo no próprio corpo. Em verdade, se “sabe” do que se sente no corpo, porque se vive tudo isso conscientemente. Husserl (1913/2007) denominou essa “consciência” de “vivência”. É uma vivência e intencional porque é caracterizada por ser “consciência de algo”, porque o que se vive está dirigido a alguma coisa. E, em cada “viver algo”, se mostra algo que é experienciado, ou seja, como coisa percebida, pensada, sentida, etc. (Husserl, 1913/2007; Goto, 2015; Bello, 2015). Assim, buscando se aproximar mais de como se constitui a vivência corpórea sexual, pode-se perguntar que registro está presente quando se percebe (e aqui se tem a percepção como um registro consciente) os dados sensíveis do próprio corpo, tais como a excitação sexual ou saciação? O que se percebe também nessa experiência?

d) Impulsividade sexual e vivência afetiva

Qualquer coisa que entra no campo experiencial pode afetar a consciência e assim ser “sentido” de muitas maneiras. No caso estudado pode-se localizar essa consciência do “sentir” no campo das sensações físicas (excitação sexual), ou mesmo no campo psíquico (desejos sexuais). O que é essa consciência do sentir ou sentimento? Husserl (1900-01/2012) nas suas *Investigações Lógicas*, analisando a questão das vivências intencionais, acabou tratando da intencionalidade de sentimentos ou das vivências afetivas. Segundo Husserl (1900-01/2012) as vivências afetivas não comporiam uma esfera vivencial homogênea, diferentemente disso; assim no § 15 da quinta das *Investigações Lógicas* ele faz uma distinção fundamental entre “sentimento sensíveis” (*Gefühlsempfindungen*) e “vivências (atos) afetivas” (*Gefühlakte*).

Os “sentimentos sensíveis” (*Gefühlsempfindungen*) são os sentimentos que se têm das sensações, ou seja, dos conteúdos sensíveis que exibem as características dos objetos que é vivido no plano perceptivo. Esses “sentimentos sensíveis” podem ser percebidos, tal como exemplifica Husserl (1901/2012, p. 336-337), na dor de uma queimadura, pois ali se tem apenas o “sentimento” de uma sensação, porque quando “nos queimamos, é certo que a dor sensível não pode ser posta no mesmo plano de uma convicção, de uma suposição, de uma volição, etc., mas apenas no mesmo plano que conteúdos sensíveis como aspereza ou a lisura, [...] os sentimentos sensíveis estão fundidos com a sensação”.

Na análise que se segue, a vivência de sentimento que os homens em questão têm não parece ser de apenas de um “sentimento sensível”, pois não se percebe na experiência deles um sentimento ligado apenas a percepção de conteúdos sensíveis (excitação, calor, relaxamento, etc.), mas em buscar um prazer, uma satisfação, um prazer continuado que está além da supressão da excitação ou da necessidade sexual. Outra maneira de vivenciar afetivamente, segundo Husserl (1900-01/2012), é a dos “atos afetivos” (*Gefühlakte*). Diferentemente dos “sentimentos sensíveis”, os atos afetivos são vivências caracterizadas por possuir a presença de uma referência intencional a algo objetivo. Afirma Husserl (1900-01/2012, p. 333) que em “muitas vivências, que designamos em geral como

sentimentos, é completamente indiscutível que lhes convém efetivamente uma relação intencional com algo”. Isso significa que em todo ato afetivo existe uma referência intencional explícita.

Há algo interessante na experiência aqui pesquisada, porque, ao mesmo tempo em que esses homens não estão vivenciando apenas os “sentimentos sensíveis” (*Gefühlsempfindungen*), também parece não estarem vivenciando um ato afetivo (*Gefühlakte*). Ao prestar atenção na descrição da experiência dos homens, encontra-se, como discutido, uma busca pela satisfação sexual, ou a própria a realização sexual, tendo como consciência afetiva o prazer, o gozo ou a saciação das necessidades sexuais. O que é vivido como consciência afetiva é o prazer, o gozo e satisfação, não constituindo aqui um objeto intencional, porque não é possível encontrar a referência intencional do prazer vivido. As profissionais do sexo, que são as proporcionadoras do prazer (objeto intencional), não caracterizam a referência intencional nessa experiência; quer dizer, elas não constituem a coisa prazerosa atraída ou referenciada para o sentimento de prazer. Nos relatos coletados, os homens não querem uma relação pessoal, não são atraídos pela personalidade; por isso mesmo, optam por esse tipo de serviço. Então afinal o que estão sentindo afetivamente?

Husserl em um texto intitulado “Notas sobre a teoria da atenção e interesse” de 1893 faz uma distinção entre o ato psíquico (*Psychische Akte*) e os estados (*Zustände*), onde o primeiro se caracteriza por possuir um objeto intencional, enquanto o segundo não possui nenhum objeto intencional (Quepons, 2013). Descreve Husserl que esses estados:

Não estão dirigidos a algo, eles não apontam para isso, embora possam estar referidos a qualquer objeto. Mas a referência é diferente. O prazer é suscitado pelo objeto e preenche agora minha alma, que se comporta passivamente, não ativamente, recebendo, não dando. O objeto é o fundamento do sentimento, nos dá prazer, e esse irradia dele, e eu não me volto ativamente para o objeto como na vontade (Husserl, citado por Quepons, 2013, p. 127).

Os homens, nesse sentido, são tomados por um “estado afetivo” de prazer, pois o que predomina como vivência afetiva é a permanência do estado de prazer (satisfação sexual) e não do objeto que suscitou essa vivência. Esses são “estados afetivos”, como pensa von Hildebrand (1998), não são significativos, porque são vividos psicologicamente, mas não vão atingir a pessoa na sua totalidade. Não sendo intencionais não são incluídos como consciência significativa de algo. “Na medida em que alguém somente me é útil, não é preciso que eu seja atrativo. Pode inclusive rechaçar-me, ainda que eu fique em conexão com ele, porque o utilizo apenas para fins determinados” (von Hildebrand, 1998, p. 49). Por isso, talvez, os homens descrevem essa experiência como livre, divertida, descompromissada, etc.; porque, não se tem aí nenhuma resposta afetiva, como por exemplo, o amor. Se nos “estados afetivos” não se têm o objeto intencional, porque o objeto pode ser variado e qualquer um, a permanência desse estado afetivo pode impossibilitar uma relação mais pessoal. Dessa questão, pode-se concordar com Husserl que:

O eu é um polo, mas não um ponto vazio. Não é um vácuo e um substrato morto de propriedades, senão um eu-centro de ações que tem suas profundezas egóicas. Isso significa um eu-centro mais profundamente comovido e profundamente enraizado, entregando-se mais e mais, com camadas do egóicas sempre mais profundas, entregando-se ao seu objeto (Husserl, citado por Crespo, 2012, p.20).

Realmente, parece não ser isso que buscam os homens ao procurarem esse serviço, pelo contrário, parece muito mais uma procura ou necessidade do predomínio do prazer e da satisfação sexual. Ainda, do ponto de vista da dinâmica psicológica, os homens ao contraírem outras relações afetivas, tais como o namoro ou mesmo o casamento

caracterizadas por outras maneiras afetivas, a habitualidade afetiva que se constituiu quase que exclusivamente pelo “estado de prazer e de satisfação sexual”, pode dificultar ou mesmo atrapalhar formação da relação amorosa. Muitas vezes se encontra o termo “vícios sexuais”. Porque, para estar além desse estado, a “individualidade pessoal se expressa própria e profundamente no modo da intensidade e das direções de meu amor: eu sou quem sou e a peculiaridade individual mostra que sou precisamente aquele que ama como amo, que precisamente isso me chama e não aquilo” (Husserl, citado por Crespo, 2012, p. 20-21). E isso parece não existir na relação descrita por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscou-se compreender as vivências psicológicas de homens que a buscam profissionais do sexo, a partir de uma proposta de pesquisa empírico-fenomenológica. A partir dos significados vividos encontrados, seguindo as propostas Martins e Bicudo (2005), Giorgi e Souza (2010), procurou-se identificar, como sugerem Husserl (1927/1991) e Feijóo e Goto (2016), as vivências psicológicas (vivências psíquicas) presente nas experiências vividas.

Nos relatos de experiência obtidos, conseguiu-se evidenciar a “satisfação sexual” como o sentido essencial dessa experiência, aparecendo em todos os relatos. No entanto, outros significados apareceram se mostrando particulares a cada experiência vivida, tais como: o menor dispêndio afetivo e econômico dessas relações duais, a liberdade oferecida por essas profissionais (estabelecimentos de diálogos sem constrangimentos e realização desejos sexuais convencionais e incomuns) e à possibilidade de eleição da profissional de preferência. De modo mais particular, no sentido que não foi compartilhado de maneira alguma, encontrou-se os seguintes significados: a curiosidade, o entretenimento e diversão, possibilidade de alívio do estresse, conhecer novas mulheres, exercício da autoestima, saída da monotonia e da correria do dia a dia e por fim, a singularidade do encontro com a profissional e o não envolvimento afetivo.

Após a delimitação dos significados presentes na experiência em questão, foi-se analisando passo-a-passo como esses significados são psicologicamente vividos, a partir de suas estruturas e condições psíquicas, recorrendo às descrições psicológico-fenomenológicas de Husserl, Stein e von Hildebrand. Essa análise foi feita a partir de uma teoria psicológico-fenomenológica, possibilitada como resultado das investigações da denominada Psicologia Fenomenológica.

Dessa análise, então, encontrou-se as seguintes condições psicológicas: a) os homens na experiência de procura por relações sexuais com profissionais do sexo são mobilizados inicialmente por impulsos psicofísicos que os dirigem à conduta de “buscar” relações sexuais, porém não há motivações, apenas impulsos, que no caso são sexuais; b) os impulsos sexuais não são impulsos meramente orgânicos, mas são “intencionalidades impulsivas”, porque não tem como fins apenas a realização de uma satisfação orgânica para preservação ou conservação (fome, sede, etc.), diferentemente disso, se direcionam a outros humanos, mesmo que para a relação sexual; c) ainda, vive-se a intencionalidade instintiva sexual como uma intencionalidade por ser vivida no corpo próprio, ou seja, no corpo que é psíquico e corpóreo, incorporado as sensações (sentimentos sensíveis) e as sensações cinestésicas, por fim, d) é uma vivência caracterizada como afetiva, por se constituir como uma intencionalidade de sentimentos, sendo predominante o “estado afetivo” do prazer, do gozo e da satisfação. Pode-se assim, concluir, que essa experiência psicológica é essencialmente vivida como uma vivência corpórea-afetiva, que surge impulsivamente de maneira

natural e espontânea na vida humana, que busca manter o predomínio de um estado afetivo de prazer, gozo e satisfação.

Referências

- Almeida, E. (2016) *Assim como nossos pais? Possibilidades de reinvenção nas relações de conjugalidade*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. (Tese de doutorado em Psicologia).
- Brasil, J. (1932). *A Questão Sexual*. Casa Editora Nunes de Carvalho. Lisboa. S./D.
- Basserman, L. (1968) *História da Prostituição: uma Interpretação Cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Bello, A. A. (2015). *A Pessoa e Comunidade - Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã.
- Bello, A. A. (2014). *Edith Stein. A paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá.
- Branco, P. C. C. (2014). Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: Percursos históricos e metodológicos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 189-197.
- Cavour, R. C. (2011). *Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituição no Contexto Familiar* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Cazarré, M. (2016). *Projeto que regulamenta atividade de profissionais do sexo está parado na Câmara*. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/projeto-que-regulamenta-atividade-de-profissionais-do-sexo-esta>.
- Crespo, M. (2012). *El amor como motivo ético en la fenomenología de Edmund Husserl*. *Anuario Filosófico*, 45, vol.1, pp. 15-32.
- Embree, L. (2012). *Análise reflexiva. Uma primeira introdução na investigação fenomenológica*. Portugal: Zeta Books.
- Feijoo, A. M., & Goto, T. A. (2016). *É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4).
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010) *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de Século, Editora Sociedade Unipessoal.

- Giorgi, A. *Método Psicológico Fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Revista Educação, n. 24 (43), 2001, pp. 133-150.
- Goto, T.A. (2015). *Introdução à Psicologia Fenomenológica – A Nova Psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Husserl, E. (1965). *Filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida. [Obra original de 1911].
- Husserl, E. (1973). *Zur Phänomenologie der intersubjektivität*. Texte aus dem Nachlaß. Dritter Teil: 1921-1938. La Haya: Martinus Nijhof.
- Husserl, E. (2005). *Ideas Relativas a Una Fenomenología Pura y Una Filosofía Fenomenológica Libro Segundo: Investigaciones Fenomenológicas Sobre La Constitución*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Husserl, E. (2009). *Die Lebenswelt. Auslegungen der vorgegebenen Welt und ihrer Konstitution. Texte aus dem Nachlass (1916-1937)*, Husserliana XXXIX. Dordrecht: Springer.
- Husserl, E. (2012). *Investigações Lógicas*. Segundo volume, parte I, Investigações para uma fenomenologia e a teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense Universitária. [Obra original de 1900-01].
- Husserl, E. (2017). *A criança – a primeira empatia*. Goiânia: *Phenomenological Studies*, Revista da Abordagem Gestáltica, XXIII(3), pp. 375-377.
- Jeffreys, S. (2011). *La industria de La vagina* 1 ed. Buenos Aires: Paidós.
- Lee, Nam-In (1993). *Edmund Husserls Phänomenologie der Instinkte*. Dordrecht/
- Martín, M. (2016). *Regulamentação da prostituição confronta prostitutas e feministas radicais*. El País. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/28/politica/1469735633_689399.html
- Martins, J. & Bicudo, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 5ª edição. São Paulo: Centauro, 2005.
- Melo, M. L. de A. (2016). *Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia*. *Psicologia USP*, 27(2), 296-306.
- Quepons, I. (2013). *Nostalgia y anhelo: contribución a su esclarecimiento fenomenológico*. *Open Insight*, 5(5), pp.117-145.

- Richards, J. (1990). *Sexo, Desvio e Danação. As minorias na Idade Média*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- Russo, G. (2007). *No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos*. *Caderno Centro de Recursos Humanos*, 20 (51), 497-514.
- Santos, G. L. (2011). *Motivação e liberdade: a superação do determinismo psicofísico na investigação fenomenológica de Edith Stein*. In: "A pessoa humana em Edith Stein. I Simpósio Internacional de Filosofia". Kairós – Revista Acadêmica da Prainha. Fortaleza: FCF, pp. 216-234.
- Schievano, B. A. (2016). *Resenha*. (*Revista do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas*, 8(2), 134-138.
- Silva, A. A. (2016). *Pessoa e Comunidade. Comentário: Psicologia e Ciência do Espírito de Edith Stein*. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), 4(4), pp. 131-139.
- SOF. Sempreviva Organização Feminista (2013). *Uma Abordagem Feminista*. São Paulo. Recuperado de: https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf.
- Stein, E., (2005). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu, en J. Urkiza & F. J. Sancho (Orgs.), *Obras completas*, Vol. II, Escritos filosóficos (Etapa fenomenológica: 1915-1920), Burgos, Monte Carmelo, p. 950. [Obra original de 1922].
- Trizoli, T., & Puga, V.L. (2005). Estudos e representações artísticas da noiva e prostituta. Séculos XIX a XXI. Acessado em <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3841/2846>.
- Von Hildebrand, D. (1996). *La esencia del amor*. Espanha: EUNSA, 1998.
- Von Hildebrand, D. (2002). *O amor entre o homem e a mulher*. Rio de Janeiro: Co-rendentora.
- Walton, R. J. (2002). *Instintos, generatividad y tensión en la fenomenología de Husserl*. In: *Revista Natureza Humana* vol. 4(2): 253-292, jul.-dez.

Notas

¹ Pesquisa com bolsa da FAPEMIG/MG.

² Cabe destacar que, segundo Embree (2003), a pesquisa fenomenológica tem se dividido em duas: a "erudita", focada nos textos dos fenomenólogos e entendimento da própria fenomenologia (propedêutica) e, a "investigativa", cujo objetivo é conhecer as "coisas mesmas". Nessa pesquisa, qualificada como fenomenológica, a intenção foi trazer as contribuições da pesquisa erudita análise das vivências psíquicas presentes nas "coisas mesmas" encontradas.

³ Stein (1922/2005) em suas investigações fenomenológicas desenvolve uma descrição rigorosa do ser humano, a partir de sua complexidade constitutiva, delimitando as

estruturas da corporeidade, psíquico e espírito que se mostram interdependentes, apesar de também comporem uma unidade harmônica. A dimensão espiritual será caracterizada por Stein como um "emergir de si mesmo" e uma abertura que possibilita a compreensão do mundo, do outro humano e de si mesmo e possuidora de uma lei (motivação) que possibilita a livre escolha.